

toria, tem a sensação de uma derrota. O vencido olha de cima, como vencedor, e tal se dá porque ele ha descoberto e vivido mais altas formas de vida.

O homem se conserva mudo e desorientado diante desse sêr estranho, sem armas, que proclama uma nova e espantosa lei e que parece pertencer a outro mundo. Sente o homem que, se ha razão no seu ambiente, outro mundo existe, onde tudo se inverte, onde o vencido da terra pode ser um vencedor e o vencedor da terra um vencido. Um abismo o separa daquele sêr superior: o homem agride e ele perdôa; é um justo e sabe sofrer. Apresenta-se para indicar, na sua vida, a méta alcançada, para apontar o caminho que, com o acompanha-lo, vos levará a realizações da mais alta e fecunda lei social: o amor evangelico.

XCII — O problema economico.

A vossa ciencia economica pensa justificar-se, como se partisse de um originario principio de justiça, afirmando, com a sua *premissa edonistica*, a presença de um tipo abstrato de *homo economicus*, como se, na realidade, se pudessem isolar os aspectos e cada fenomeno não se achasse em conexão com todos os fenomenos, na lei universal. As vossas ciencias sociais se baseiam de bom grado em qualquer piedosa mentira. Mas, dizei a verdade: dizei que, quasi sempre, o homem é, na realidade e não como hipotese economica, um *perfeito edonista*; que, no campo dos negocios, ele não faz senão aplicar a sua natureza de egoista; que o *do ut des* não é um equilibrio de direitos, mas uma medição de forças, para alternativos estrangulamentos; declarai a impotência da maioria para compreender uma aproximação, ainda que minima, do amor evangelico; dizei que o homem é uma féra envernizada de civilização e tereis então as bases reais do fenomeno economico. E reconhecei que a ciencia que o estuda é a codificação do egoismo, isto é, do instinto mais desagregante do encadeiamento social.

A premissa edonistica é principio *anti-colaboracionista* por excelencia, é um principio de desfazimento, que o edificio economico traz consigo, como insanaivel vicio de origem, que sempre reaparece nos momentos de crise. Egoismo de capital, egoismo de trabalho, egoismo de produtor, egoismo de consumidor, egoismo individual, de classe, de nação (regimen protecionista); coalizõe sde egoismos, organizações de egoismos, sempre egoismo! E as mercadorias a riqueza, o trabalho vos precipitam, arrebatados (em regimen livre cambista) ou paralizados, pela ação dessa grande força, embora ela seja ilogica e contraste com as supremas exigencias das ascensões humanas. Mas, esta é a méta, ética elevada, inderrogavel, a que todas as funções sociais se têm que subordinar, para o fim unico

da evolução. Egoismo, ao contrario, é luta, atrito, desesperação, germen de destruição; é o ponto fraco do mecanismo, todo um fardo a arrastar, que o torna imperfeito, lhe ameaça o andamento e o faz cêgo, a avançar por entre embates e reações. A quantas dores vos seria facil escapar, se cada um amasse ao seu semelhante como a si mesmo!

Conquanto o fenomeno economico seja a expressão da lei do esforço minimo, assume sempre a forma de coacção; o equilibrio entre procura e oferta é a resultante de uma luta; a oferta de uma mercadoria mais não é do que a procura de um prego, tudo se move pela necessidade propria, não pela consciencia das necessidades reciprocas; um sistema prenhe de atritos, um equilibrio afanoso entre forças antagonicas que atuam para elidir-se, onerado com o peso do egoismo. Não é possivel deixar de topar-se, tambem neste campo, com uma manifestação da lei universal e de encontrar equilibrios. Posto, porém, o principio do *do ut des*, da procura e da oferta, o egoismo avança triunfante, seguindo a lei do minimo esforço, para equilibrios moveis, se bem que matematicamente exatos, que podeis calcular, mas que conservam sempre a marca da premissa originaria, o egoismo demolidor. O instinto edonista, na sua inconsciencia de todos os outros valores sociais, avança, tudo atropelando, para realizar-se a si mesmo. Força primitiva e brutal que, se no vosso nivel é impulso de criação, tambem é principio de destruição, a que deveis infinitas crises e revezes.

Todavia, a evolução, fenomeno universal, tinha que se revelar, tambem nesse campo, como gradual eliminação do principio edonistico, por cerceamentos, limitações e elevações progressivas, até ser capaz de compreender, em seu ambito, interesses de ordem geral. Por toda parte se nos depara o mesmo processo ascensional pelo qual a força tende para a justiça, o egoismo para o altruismo, a guerra para a paz, o mal para o bem. Na evolução, não se pode isolar um campo de outro, pois todos os fenomenos sociais se têm que conceber fundidos numa ética superior. O conceito edonistico, posto na base das ciencias economicas, é filho de agnosticismos de outros tempos já transpostos. Se, num primeiro momento, o perfeito equilibrio da balança do *do ut des* é o maximo de justiça que a psiclogia das trocas pode admitir, em superiores momentos o progresso impõe a imissão do fator moral no fenomeno economico, em proporção sempre maior. Tal como se dá na evolução do egoismo, a esse efeito vos encaminhará o proprio calculo utilitario em que se exprime a lei do esforço minimo, uma vez que a luta é cheia de atritos, que implicam enorme dispersão de energia, pelo que é de vantagem suprimi-los.

No vosso mundo atual, a riqueza raramente segue o caminho do bem; não é um meio de aquisições mais altas, é um elemento de gozo, que premeia as aptidões mais rapaces e antisociais. Estai

atentos, porém, a que essa psicologia é supremamente demolidora, mesmo no campo do utilitarismo individual (inconciencia coletiva) oposto ao do colaboracionismo (conciencia coletiva). Quando um fenómeno surge envenenado de impulsos negativos, estes, indestrutíveis como todas as forças, o acompanharão e cercarão até à sua destruição completa. Quando, no instante decisivo do seu nascimento, um ato se apresenta infeccionado pelo germen da desonestidade, ele se arrastará corroido no interior, como um doente, até que a íntima desagregação o desfaça com a morte. Eis porque o vosso mundo económico está cheio de crises inevitáveis, sem remédio: é porque ele se ergue sobre equilíbrios instáveis e fictícios. A solução não está na criação de uma grei de irresponsáveis, que nada têm, mantidos pelo Estado, mas na criação de uma sociedade de responsáveis, que saibam manejar concientemente a grande força económica. Preconizo não uma mutilação, mas um aumento de conciencia, de poder, de liberdade, de confiança, de responsabilidade. O homem não deve anular-se, porém, manejar as forças da vida, para aprender; deve correr livremente o risco de errar, para que se emende pelo sofrer as consequências; tem que quebrar a cabeça, para aprender a não mais quebra-la. E, á custa de crises, de ruínas, de desastres financeiros, deve aprender que o negocio mais estavel, mais inteligente, mais rendoso é a honestidade, que a posição mais utilitaria é a que leva em conta os interesses de todos, a que se funde, em vez de isolar-se, no organismo coletivo económico. Estas são leis de vida, não são utopias.

A' frente desta renovação não pode estar senão o órgão máximo da conciencia coletiva: o Estado. O fenómeno económico espera da autoridade central do Estado, como personificação concreta da ética humana, infusões cada vez mais energicas de fator moral, com constringões e correções que purifiquem a atividade económica e a riqueza e as encaminhem para fins mais elevados. Compete ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo ético cada vez mais alto no fenómeno económico, guiando no interior e no exterior o aspero equilibrio das trocas, para um regimen de colaboração, que não é apenas compensação, mas compreensão de egoismos, não apenas coordenação, mas fusão num organismo económico universal. Uma ciencia económica, não como a atual, que sofre a ação da Lei, mas conciente desta, não deve erguer-se sobre bases edonísticas e sim sobre fundamentos colaboracionistas, pois que, numa sociedade mais adiantada, a fase ética e utilitaria é *cooperação* e essa é a mudança económica fundamental que, nesse campo, a vossa hodierna maturação biológica exprime. Entretanto, os sistemas atualmente dominantes no mundo levam a uma seleção ás avessas, á do mais astuto e desonesto, ao passo que o honesto é eliminado. A sociedade não exalta o homem que dá, porque esse se torna pobre; exalta o que aferra e acumula, porque se torna rico. No entanto,

o primeiro dá do que é seu aos outros e o segundo toma dos outros para si. Este somente se poderá justificar, se preencher a função de conservar e fecundar a riqueza com o seu trabalho.

No vosso mundo, os melhores se acham ocultos, porque são sensíveis, modestos, objetivando outras métras, carentes das qualidades agressivas que condicionam o exito, enquanto que os ambiciosos e ávidos, sem escrúpulos, tudo sabem calcar aos pés, para alcançarem o que desejam. O que no vosso mundo brilha raramente coincide com os valores intrínsecos; o rapido triunfo económico unicamente pode significar ausencia de honestidade. Ainda vos moveis no nível da *fôrça económica* (princípio edonístico) e não no da *justiça económica* (colaboracionismo) e qualquer crise, em regimen edonístico, tem que ir até ao fundo, não pode parar, a não ser por saturação, não se pode reerguer, senão por natural reação do proprio fenómeno, depois de exaurido o impulso, sem as capacidades compensadoras do regimen colaboracionista.

No vosso mundo, não ha proporção entre *trabalho e ganho*, o furto é autorizado; na especulação, inevitáveis parasitismos se aninhão, como direta consecuencia da premissa edonística. O principio do *do ut des* gera uma luta para tomar o máximo e dar o mínimo; ele não só é o gerador da luta, como implica toda a psicologia do furto e inquina todo o mundo económico, fazendo que aí brilhe egoismo em vez de justiça. Desde que o ponto de partida é a motivação edonística, a vontade se orientará unicamente para a exclusiva vantagem individual que não cede senão quando contrangida pela vontade de outrem, dirigida para outra vantagem individual. A vossa oferta mais não é do que uma solicitação de dinheiro, velada pelo máximo possível de mentira; não considera o interesse do consumidor, mas o egoismo do produtor. Assim, o vosso edificio económico é invadido e gasto por esse atrito continuo de consumo, que ocasiona a demolição da segurança e da confiança, bases do mesmo edificio. Daí resulta não ser o mundo económico um organismo de justiça e sim um campo de desapiedadas competições.

Não ha proporção entre *valor e preço*. Este, muitas vezes, não corresponde ao custo da produção, mas á capacidade, maior ou menor, que tem, de suportar o peso do consumo. Verdade é que a potencia aspiradora da procura gera imediatamente a superprodução e se equilibra com a oferta; mas, esse equilibrio espontaneo é frequentemente sobrepujado pelo desequilibrio originario do egoismo, sempre tendente a retomar a posição predominante, logo que possa. Ao demais, não ha quem não veja quanto um aumento de preço, pelo simples facto de ser intensa a procura e escassa a oferta, está longe de ser justo, sobretudo quando o consumidor se acha em necessidade e a penuria é causada pelo açambarcamento.

Os bens, na terra, não seguem as sendas da necessidade, a

riqueza é atraída pela riqueza e foge da pobreza; em vez de ser uma ajuda, é, com frequência, um dano na vida social. A psicologia edonística faz correr o dinheiro para onde ele de nada serve e o desvia de onde poderia lenir uma dor, proteger uma vida. Todos se afastam do fraco, do vencido e, mal uma fraqueza se manifeste, tudo concorre para grava-la, perseguindo-a no declive da ruína. Para vós, a necessidade do vosso semelhante é um não-valor económico, ao passo que é valor a confiança que vos inspira uma riqueza sólida. Assim, esta dificilmente preenche a função que lhe devera ser primordial, a de constituir um meio de vida e de melhoramento, e se transforma, não raro, em meio, até, de opressão que, longe de fecundar e elevar a vida, a absorve e destroe. E' esta hipertrofia de egoismo o mal que grava o vosso mundo económico e o ameaça. E ilógico e prejudicial esse encaminhar-se da riqueza para a riqueza, em lugar de dirigir-se para a pobreza, essa atração levada ao ponto de aumentar desproporções que são a causa de desequilíbrios sociais e morais, essa tendência á concentração, quando a salvação está na desconcentração.

No vosso mundo, não ha acôrdo entre *capital* e *trabalho*. Esses dois extremos do campo económico deveriam estender a mão um ao outro como irmãos. E' inutil ter por guias leis e sistemas, quando o capital está eivado, em suas origens, de deshonestidades que o tornarão infecundo. Todo remedio, todo controle ficam na superficie, quando na alma não está a consciencia da função social dessa distilação do produto do trabalho, que é o capital, e se dele faz um meio de opressão. E' necessario, para dominar os conflitos que flagelam a humanidade nesse campo, dominar tambem a *inconsciencia egoista*, até chegar á *consciencia colaboracionista*. Os dois polos, capital e trabalho, como todos os contrarios, são complementares, são feitos para completar-se, porque nenhum pode por si só reger-se a si mesmo. São feitos para se unirem e fecundarem alternativamente, numa corrente de continuas permutas, que tambem devem ser amplos de espirito. Só na compreensão entre as duas forças se podem praticamente combinar os movimentos da balança económica. O unico facto substancial, que justifica as vossas lutas, é que elas constituem o meio de chegar-se a essa compreensão, pois que tambem neste campo, como em toda parte, a evolução avança sempre.

XCIII — A distribuição da riqueza.

Em face destas minhas concepções, vêdes quão absurdas são as vossas utopias de *nivelamentos económicos*. A distribuição dos bens, na terra, não é, como julgais, efeito de leis, institutos, sistemas; é consequencia de um facto primordial indestrutivel: o tipo individual e a linha de seu destino. Os equilíbrios da vida são

feitos de desigualdades que, dada a diversidade das naturezas, correspondem á justiça, ainda quando sejam diversas as posições, e é absurdo um nivelamento de unidades substancialmente desiguais. Mesmo que imposto á força esse nivelamento, a natureza dos individuos em breve tempo o destruiria. Só ha um comunismo substancial, é o que conjuga todos os fenomenos, liga todas as vossas ações, vos irmana todos e a todos arrasta, dentro da mesma lei, sem possibilidade de isolamento, na mesma corrente; comunidade substancial de deveres, de labores, de responsabilidade, não obstante as necessarias diferenças de nivel, que exprimem as diferenças de tipos e valores; liames ferreos que vos constroem a todos igualmente, mesmo quando queirais que eles sejam de rivalidade e de odio, e não de bondade e de amor.

Os principios da vida são mais sapientes do que os vossos sistemas mecanicos de nivelamento social e obtêm o equilibrio mediante a desigualdade, porque tendem não ao igualamento em um tipo unico, mas á diferenciação, para depois reorganizar os especializados, em organismos coletivos. A diferença de posições sociais mais não é do que divisão de trabalho por diferentes capacidades, e tanto mais acentuada é essa diferença e, por isso, tanto mais divergentes as posições, quanto mais evolvido e complexo é o organismo social. Numa coletividade adiantada, cada individuo e cada classe permanece tranquilamente no seu posto, sem coacção, como as celulas e os órgãos num corpo animal. Os irrequietismos são caracteristicos das sociedades inferiores, ainda em formação.

Não é licito ignorar, na construção de coletivismos humanos, que a natureza não constroe á máquina os homens e que não se podem dividir por series de tipos as falanges humanas. A natureza, ao contrario, cria tipos complementares, reciprocamente necessarios, e as diferenças existem para que eles se compreendam e compensem, unindo-se, afim de se completarem nos seus pontos fracos e de se combinarem organicamente. Assim, por completção e compensação de contrarios, pela senda logica e utilitaria do minimo esforço, a Lei irresistivelmente encaminha para a confraternização humana. O nivelamento poderá formar uma grei, nunca uma sociedade. O erro fundamental está em considerarem-se iguais todos os homens, como valor e como destino, e em não se ter entendido o misterio das suas personalidades e o escôpo da vida; em apegarem-se ao exterior, julgando que não se pode obter justiça senão por um igualamento superficial, ao passo que a vida alcança uma justiça mais complexa e profunda na desigualdade. O principio de igualamento poderá ser um programa de enriquecimento por espolição, para as classes menos abastadas, e, tambem, se o souberem adaptar e moderar, um programa são de ascensão económica; mas, como principio, será sempre um absurdo, por isso que não corresponde á realidade biológica. O igualamento, que não seja puramente exterior e coactivo,